

# *Aprenda a ler o Antigo Testamento*

Texto escrito por **Cássio Murilo Dias da Silva**<sup>1</sup> em junho de 2010, para o curso “Aprenda a ler o Antigo Testamento”, ministrado no auditório das Edições Loyola, no dia 26 de junho de 2010.

---

**Informação de copyright:**

Este texto pode ser utilizado para fins educacionais e não comerciais. Sua reprodução na Internet ou mesmo em forma impressa (neste caso, para comercialização) é proibida e estará sujeita às penas da lei. É igualmente proibido utilizá-lo, com ou sem o nome do autor, na própria página, bem como copiar/publicar (total ou parcialmente) este texto como artigo e utilizá-lo, em forma impressa ou digital, sem o nome do autor e a referência à página e ao blog do qual foi baixado. Todos os direitos reservados.

---

---

<sup>1</sup> Cássio Murilo Dias da Silva é doutor em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma, com a tese “Aquele que manda a chuva sobre a face da terra” (publicada por Edições Loyola, em 2006). Tem livros e artigos publicados, sempre referente à leitura e à interpretação da Bíblia, principalmente do Antigo Testamento.

# Introdução

Deus se revela na história, não somente por palavras, mas também e principalmente pelos fatos. Por isso, o discurso de Deus é:

- a) **situado e encarnado** num tempo e numa sociedade, numa linguagem e numa cultura.
- b) **progressivo**, isto é, espalhado no tempo, até encontrar à sua plenitude em Cristo.
- c) mantém estritamente unidas **história e Palavra**, de modo que a Palavra de Deus faz a história, dirigindo-a e interpretando-a.

Para os cristãos, Cristo é a plenitude a revelação de Deus; em outras palavras, Cristo é a perfeita manifestação de Deus e nele, portanto, a revelação encontra seu cumprimento. A leitura cristã das Escrituras adotou esquemas substancialmente bíblicos para exprimir a relação entre os dois testamentos, de modo a afirmar que o Novo Testamento termina o que o Antigo tinha começado. Tais esquemas são:

- continuidade/descontinuidade (novidade);
- preparação/cumprimento;
- figura/realidade;
- promessa/realização.

Todavia, não se pode cair no erro de achar que o Antigo Testamento só tem valor em função do Novo. O Antigo Testamento vale por si mesmo e é Palavra de Deus tanto quanto o Novo e independente dele.

Este curso fará uma introdução ao Antigo Testamento, contemplando nele três panoramas interligados:

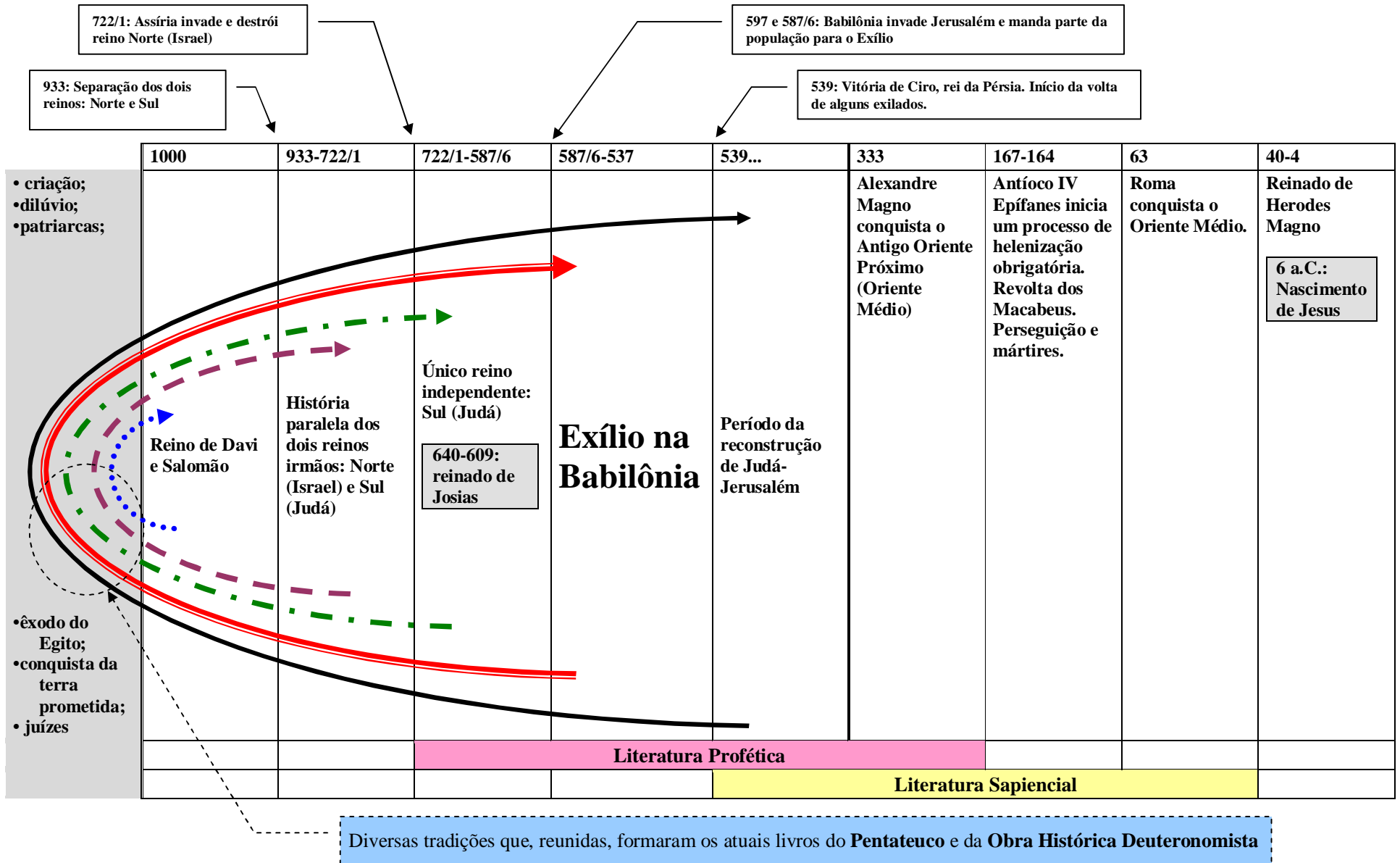
- panorama histórico;
- panorama teológico;
- panorama literário.

\*\*\*\*\*

## 1. Panorama histórico-literário

O Antigo Testamento levou aproximadamente mil anos para ser escrito. A cada nova situação histórica, os fatos do passado eram relidos, reinterpretados, recontados. Por isso, é necessário recordarmos alguns acontecimentos importantes e, neste arco de tempo, situar o processo de formação dos livros bíblicos.

Nesta linha do tempo, todas as datas são anteriores ao nascimento de Cristo (isto é, a.C.).



\*\*\*\*\*

## 2. Panorama teológico-literário

### 2.1.- Muitas teologias no AT

Cada um dos livros que temos hoje levou muito tempo para chegar à sua forma atual e, na maior dos casos, não foi obra de uma única pessoa. Por isso, é necessário falar não de “teologia” do Antigo Testamento, mas de “teologias” do Antigo Testamento: a teologia da chamada “escola deuteronomista” é diferente da teologia de um grupo normalmente chamado de “javista”; a teologia de Jó é totalmente diferente da teologia de Sirácida (Eclesiástico).

### 2.2.- Dois Antigos Testamentos

Um conjunto de livros que formam o que normalmente chamamos de “Antigo Testamento” já estava completo antes do ano 200 a.C. Por ter sido escrito em hebraico (uma mínima parte em aramaico) é chamado de “Bíblia Hebraica” e tem três divisões: Torah (Lei), Nebiim (Profetas), Ketubim (Escritos). É comumente chamado de TaNaK (palavra formada pela primeira letra do título de cada parte).

Em torno do ano 180 a.C., foi feita a tradução da Bíblia Hebraica para o grego. Mas esta não foi somente uma tradução: houve também adaptações e acréscimos, tanto de partes como de livros inteiros. A tradução grega é conhecida como “Setenta” ou “Septuaginta” e indicada pelas letras LXX (setenta em algarismos romanos).

Entre a Bíblia Hebraica e a LXX, portanto, há várias diferenças além da língua: ambiente histórico, social, político, geográfico; adaptações e acréscimos; livros novos na LXX (nem todos no cânon de nossas Bíblias); agrupamento e ordem dos livros.

As bíblias católicas se diferenciam das bíblias protestantes/evangélicas porque, além dos livros da Bíblia Hebraica, inclui também alguns dos livros novos que foram acrescentados na LXX. São eles (usando a palavra BESTIM como recurso mnemônico):

- B** - Baruc
- E** - Eclesiástico (Sirácida)
- S** - Sabedoria
- T** - Tobias
- I** - Judite
- M** - Macabeus (1 e 2)

E ainda, as partes gregas de Daniel e Ester.

### 2.3.- Atual divisão dos livros do AT

Nas nossas edições da Bíblia, a ordem e o agrupamento dos livros não segue exatamente a Bíblia Hebraica nem a LXX. Nas bíblias católicas, é possível distinguir os seguintes grupos:

- **Pentateuco** (= Torah, Lei)
- Livros **históricos** (Obra Histórica Deuteronomista + Obra Histórica do Cronista + Histórias Deuterocanônicas)
- Livros **poéticos e sapienciais**
- Livros **proféticos**

A seguir, uma breve introdução aos principais conjuntos literários. Em razão da exiguidade de tempo, ficarão de fora desta apresentação: Obra do Cronista (Esdras, Neemias, 1–2 Crônicas), Histórias Deuterocanônicas (Tobias, Judite, 1–2 Macabeus), Daniel, Baruc, Ester, Cântico dos Cânticos e Salmos.

### 2.4.- Torah ou Pentateuco:

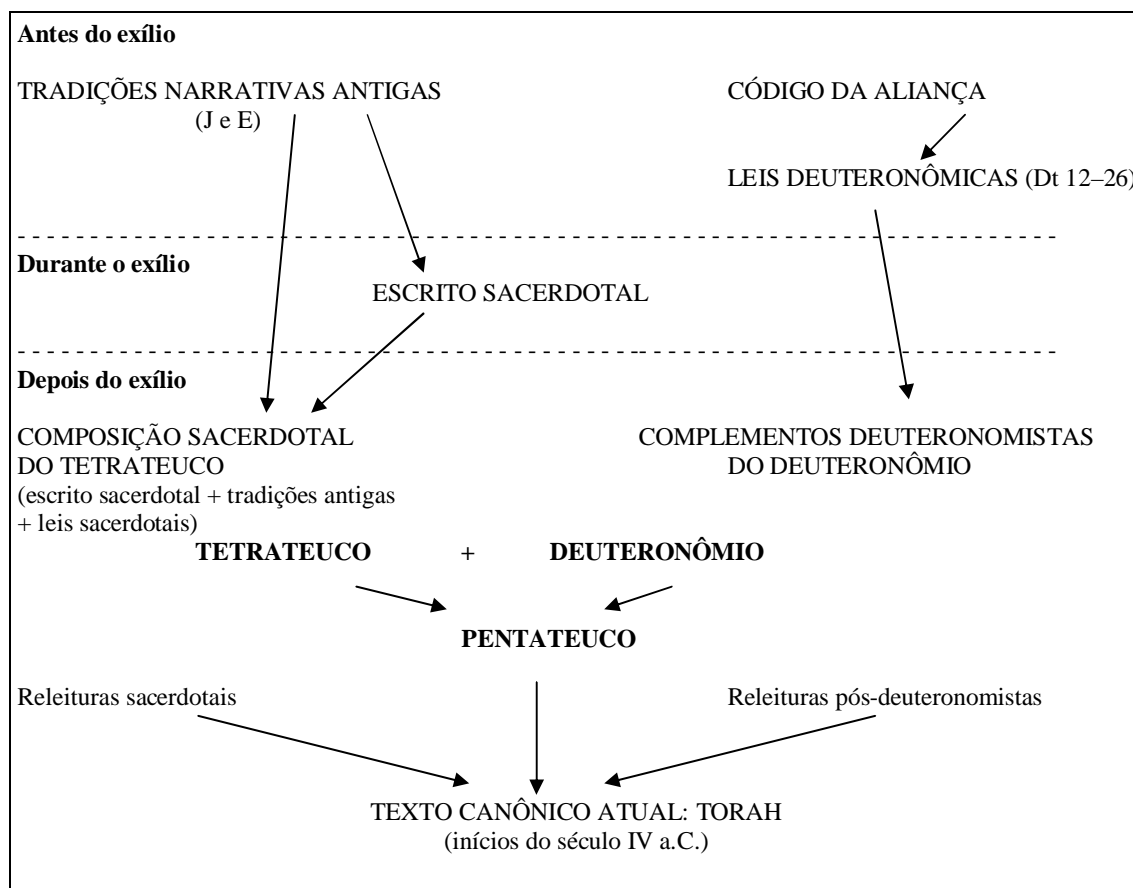
Os cinco primeiros livros da Bíblia, na sua versão atual, apresentam uma história linear: das origens à entrada na Terra Prometida. Na realidade, são o resultado da fusão de quatro tradições num conjunto mais ou menos harmonioso. As quatro tradições (a princípio orais, mas depois com alguns escritos) são:

- **Javista** (J): desde Gn 2,4 chama Deus de “Javé”. O local sem dúvida é Jerusalém (reino Sul), mas a datação é discutível: no século X a.C., durante reinado de Salomão, ou no século VII a.C., sob Josias), ou ainda século VI a.C., mais no fim da monarquia?
- **Eloísta** (E): chama Deus de “Javé” somente após Ex 3,14. Antes disso, Deus é chamado de “Elohim”. Entre os séculos IX e VIII a.C., no reino Norte.

- **Sacerdotal** (P, do alemão, *Priestercodex*): preocupa-se principalmente com aspectos rituais. Durante o exílio na Babilônia (587-537 a.C.) e pouco depois.
- **Deuteronomista** (D): compôs o livro do Deuterônomo como introdução para a obra historiográfica que vem a seguir (Obra Histórica Deuteronomista). Vários estratos redacionais, refletindo os vários momentos da história de Israel (período assírio, período babilônico, exílio, período persa)

Cada uma delas, reflete um período histórico e uma ideologia religiosa. Nenhuma delas tem a intenção de escrever um relato jornalístico, e sim uma teológica (catequética), desde as origens até as vésperas da entrada na Terra Prometida.

Eis um esquema de como elas foram se misturando, até chegar ao Pentateuco que temos hoje:



Esquema tirado de:

ARTUS, Olivier. *Aproximación actual al Pentateuco*. Estella, Verbo Divino 2001. p. 21. (Cuadernos bíblicos, 106).

## 2.5.- História Deuteronomista

Os livros que na Bíblia Hebraica são chamados de “Profetas Anteriores” formam uma obra historiográfica que recolhe material de outros escritos (normalmente, registros da corte) e também material inédito: a Obra Histórica Deuteronomista (OHD). Normalmente fala-se de três ou quatro camadas redacionais, amalgamadas durante cerca de 200 anos (entre 650 e 450 a.C.). A autoria é atribuída à chamada “escola deuteronomista” ou simplesmente “o deuteronomista”. Este nome é devido ao fato de o livro do Deuterônomo funcionar como o portal de entrada para a história narrada a seguir.

Josué, Juízes, Samuel e Reis narram de modo linear uma história complexa e cheia de reviravoltas: da conquista da Terra Prometida à perda desta mesma terra.

Quando começou a ser escrita, durante o reinado do rei Josias (640-609 a.C.), esta obra historiográfica tinha a finalidade de propagandar e incentivar a reforma político-religiosa promovida por aquele rei. Mas, com o exílio, o objetivo mudou. Agora, tratava-se de explicar as razões que levaram YHWH a castigar seu povo e a mandar a catástrofe da deportação: “Por que o exílio?” A resposta que permeia toda a OHD é: “Porque fomos infiéis à Aliança do Sinai”. Toda a história de Israel (a confederação de tribos, a monarquia unida, cada um dos reinos irmãos divididos) é narrada na perspectiva religiosa e tem a finalidade de mostrar que a história vai se deteriorando

sempre mais, até chegar ao limite da infidelidade, não deixando a YHWH alternativa, exceto mandar a catástrofe para punir seu povo e, deste modo, purificá-lo:

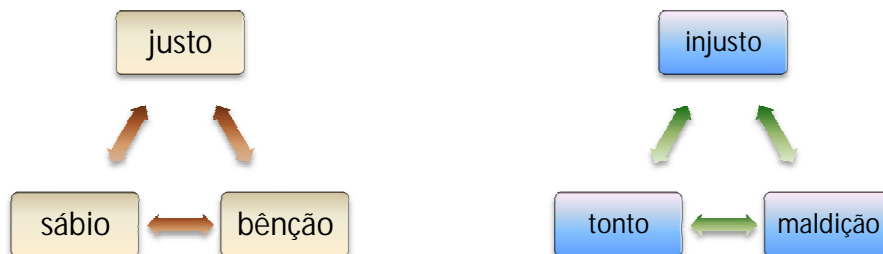
Deuteronômio	Josué	Juízes	1-2 Samuel + 1-2 Reis
A sociedade ideal, conforme a Lei de YHWH.	O povo fiel, cumpridor da Aliança e da Lei.	Fidelidade e infidelidade se alternam, num ciclo contínuo: (a) pecado; (b) castigo (c) arrependimento; (d) libertação	Infidelidade institucionalizada: o primeiro a ser infiel é o rei.

## 2.6.- Literatura sapiencial

Os livros sapiências propriamente ditos são cinco: Provérbios, Jó, Qohelet (Eclesiastes), Sirácida (Eclesiástico) e Sabedoria. Cântico dos Cânticos e Salmos são livros poéticos.

A busca da sabedoria e do sentido da vida não foi um fenômeno exclusivo no povo bíblico nem por ele iniciado. Antes, trata-se de uma indagação comum presente também nas culturas vizinhas (Egito, Mesopotâmia, Ugarit). A palavra “sabedoria” abrange não só os conhecimentos científicos, mas também e principalmente, a capacidade de encontrar as soluções adequadas para todo tipo de problema: agricultura, economia, relacionamentos sociais, família etc.

Os livros sapienciais bíblicos podem ser lidos e interpretados sobre o pano de fundo da chamada “Teologia da Retribuição”. Trata-se de uma doutrina que pode ser assim esquematizada:



Em outras palavras, “aqui se faz, aqui se paga”!

Todavia, os autores bíblicos não são unânimes sobre a validade desta crença. À pergunta “A Teologia da Retribuição funciona?”, eis as resposta encontrada nos livros sapienciais bíblicos:

Provérbios e Sirácida: “SIM”	Sabedoria: “SIM! Mas só na outra vida!”
Jó e Qohélet: “NÃO!”	

## 2.7.- Literatura Profética

A palavra profeta vem do grego *pro-fetés* e significa “alguém que fala no lugar de outro”, o porta-voz. Neste sentido, vários personagens são eventualmente chamados de profetas ao longo da Bíblia: Abraão, Moisés, Davi. Todavia, o termo é mais propriamente aplicado a homens e mulheres que assumem o papel de mediadores entre Deus e a raça humana.

O fenômeno da profecia não é exclusivo de Israel e no mundo antigo, tal como hoje, é facilmente confundido com a capacidade de enxergar o futuro e prever os acontecimentos. Mas esta não é a única nem a principal atividade profética. A nomenclatura na Bíblia Hebraica é fluida e deixa entrever uma evolução no conceito do que

significa agir como mediador: vidente – visionário – homem de Deus – profeta. Mais ainda, assinala também uma evolução dos meios de comunicação: visões – êxtase, possessão, transe – palavras, oráculos.

Os profetas bíblicos, portanto, não devem ser confundidos com adivinhadores do futuro. Eles não enxergam o futuro, mas sim o presente: observando as estruturas sociais e o comportamento individual das pessoas, o profeta emite um juízo, se aquela sociedade/pessoa caminha de acordo com a Lei de YHWH ou não. Em caso afirmativo, aquela sociedade/pessoa pode ter esperança; em caso negativo... boa coisa não vai dar.

#### a) Profetas não-escritores e profetas escritores

Em termos literários, os profetas podem ser divididos em dois grupos: os profetas não-escritores e os profetas escritores ou clássicos.

Como o próprio nome diz, o termo “profetas **não-escritores**” é aplicado aos profetas aos quais não foram atribuídos livros na Bíblia. Há uma longa lista de profetas não-escritores, cuja atividade está principalmente descrita nos livros de Samuel e Reis. Os mais importantes são Elias e Eliseu; mas há também: Natã, Gad, Aías de Silo, Miqueias ben Yemla, Hulda (mulher) e vários outros. E, é claro, o próprio Samuel é qualificado como “último juiz e primeiro profeta”.

Os profetas **escritores ou clássicos** constituem o grupo mais famoso, mas não é o grupo mais numeroso. Na Bíblia Hebraica, são apenas quinze livros proféticos: os três maiores (Isaías, Jeremias, Ezequiel) e os doze menores (Oséias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias). A qualificação “maiores” e “menores” não é devida à importância nem ao período de atuação desses profetas. É motivada única e exclusivamente pelo tamanho dos livros e, por isso, deveria ser rejeitada. Em lugar de “profetas menores”, o mais correto é falar de “o livro dos Doze Profetas” (tornaremos a isso mais adiante). Ficaram fora da lista acima, Baruc e Daniel. Baruc é um profeta cujo livro encontra-se somente na LXX e que por alguns é identificado com seu xará, o Baruc secretário de Jeremias. Quanto a Daniel, seu livro é um apocalipse e por isso na Bíblia Hebraica está entre os “escritos”.

Quando se fala de “literatura profética”, é óbvio que se fala de profetas escritores. Mas os livros proféticos que temos em nossas bíblias possuem uma história redacional bastante complexa. Em primeiro lugar, a ordem dos livros não equivale à ordem cronológica em que os profetas atuaram: Oséias é posterior a Amós e, no entanto, o livro de Amós está depois do livro de Oséias e de Joel (cujo período de atividade ainda é causa de polêmica). Segundo, há também questões referentes à autoria dos livros proféticos. Malaquias, por exemplo, é uma palavra que significa “mensageiro de YHWH”, e foi praticamente inventado para atribuir a ele o último livro dos doze profetas. Mas há trechos em Isaías e em Zacarias (além do próprio Malaquias) cujos verdadeiros autores são anônimos, sem falar em Jonas que não é o autor, e sim o protagonista, do livro que leva seu nome.

No que se refere à mensagem dos profetas, ela está ligada ao período histórico e ao lugar em que exerceram sua atividade. O marco fundamental é o exílio (587-537 a.C.). Também falaremos sobre isso mais adiante.

#### b) Três + Doze

Em nossas Bíblias, temos quatro grandes livros proféticos e treze livros menores. Todavia, expurgando Daniel e Baruc e seguindo a ordem da Bíblia Hebraica, temos o seguinte conjunto: três + doze. Esta organização é nitidamente artificial e arranjada. Com efeito, o atual livro de Isaías é composto de três partes, compostas por autores diferentes, em três circunstâncias históricas e espaciais diferentes:

maior parte dos capítulos 1–39	Isaías de Jerusalém (“o verdadeiro”)	Jerusalém, antes do exílio
capítulos 40–55	autor anônimo, chamado de Dêutero (ou Segundo) Isaías	Babilônia, durante o exílio
capítulos 56–66	autor(es) anônimo(s), chamado(s) de Trito (ou Terceiro) Isaías	Jerusalém, logo após a volta do exílio

Também o livro de Zacarias é formado por duas (ou três) partes:

capítulos 1–8	Mais propriamente proféticos, mas já beirando a apocalíptica
capítulos 9–11 e capítulos 12–14	Nitidamente apocalípticos. Mesmo autor ou dois autores anônimos diferentes? A princípio, capítulos unidos ao atual Malaquias?

A atual organização dos livros proféticos é resultado, portanto, de um esforço para atingir o número de três escritos maiores e doze escritos menores. Os estudiosos elaboraram várias explicações para mostrar como e porque isso aconteceu.

Talvez haja neste arranjo uma referência aos pais do povo de Israel: os TRÊS patriarcas e as DOZE tribos, cujos epônimos são os filhos/descendentes de Jacó. Neste caso, o arranjo canônico dos livros proféticos da Bíblia Hebraica ofereceria já uma chave de leitura para o conjunto: “É assim que o povo de Israel deveria ser”!

**c) A mensagem dos profetas escritores**

A principal data para compreender a história e a literatura do Antigo Testamento é 587 a.C.: o ano da destruição de Jerusalém e no qual se marca o início o exílio na Babilônia. De modo absolutamente sumário, é possível sintetizar a atividade e a mensagem dos profetas, principalmente os profetas de Judá (reino Sul), tendo como ponto de referência o período do exílio. Mas é necessário considerar também os profetas que atuaram em Israel/Efraim (reino Norte), é claro, antes da queda da Samaria, em 721 a.C.

Esquemáticamente:

Israel ou Efraim (reino Norte)	Judá (reino Sul)			
	antes do exílio (até 587/6 a.C.)	durante o exílio na Babilônia (entre 587/6 e 539 a.C.)	após o exílio em Jerusalém (nos primeiros anos após 537 a.C.)	datação incerta
Amós (± 780) Oséias (± 760)	Isaías de Jerusalém (740-701) Miquéias (727-701) Sofonias (± 630) Jeremias (627-586) Naum (± 612 ?) Habacuc (± 600) Ezequiel (593-587)	Ezequiel (587-571) 2Isaías (550-539)	3Isaías (538-510) Ageu (±520) Zacarias 1-8 (±520)	Malaquias Zacarias 9-14 Abdias Joel Jonas
<b>CONVERTAM-SE!</b>		<b>CORAGEM!</b>	<b>VAMOS NOS UNIR!</b>	

\*\*\*\*\*

### 3. Panorama literário

A Bíblia é uma verdadeira obra literária e não perde nada para nenhuma obra-prima da literatura mundial. Muito se poderia dizer sobre as figuras de linguagem, os artifícios literários, as referências cruzadas e outros aspectos literários do texto bíblico<sup>2</sup>. Nestas páginas, vamos nos limitar aos gêneros literários utilizados pelos autores bíblicos.

#### 3.1.- O que é um gênero literário?

Desde o início do século XX, vários exegetas dedicam-se a comparar textos semelhantes no que se refere à forma, mesmo que o conteúdo apresente diferenças. Esse minucioso trabalho — que ainda não terminou, porque os gêneros literários são muitos — permite classificar os textos bíblicos (e extrabíblicos) em grupos, denominados “gêneros literários”.

Quando dois ou mais textos possuem características formais semelhantes, é possível falar de gênero literário. No mundo moderno, temos vários e nem nos damos conta: convite de casamento, aviso de falecimento, nota fiscal etc. O esquema é sempre o mesmo, só mudam os dados específicos. Semelhantemente, os autores bíblicos usaram esquemas pré-fixados e os adaptaram ou modificaram.

A seguir, um breve elenco de gêneros literários de particular interesse para o estudo do Antigo Testamento.

<sup>2</sup> Todo o conteúdo a seguir, com maiores detalhes já expus em meu livro *Leia a Bíblia como literatura*, Loyola 2007.



### 3.2.- Relatos

#### a) Novela

Narrativa relativamente longa, na qual a história do protagonista tem importância para a nação. A trama se desenvolve em três tempos:

- a : situação de conflito ou de tensão
- b : o conflito se complica cada vez mais e os personagens buscam a solução
- c : resolução do conflito e esvaecimento das complicações

São novelas bíblicas as histórias de Rute, de José e de Tobias.

#### b) Parábola - alegoria - fábula - comparação

comparação	parábola	alegoria	fábula
<ul style="list-style-type: none"> <li>• pode ser uma única frase</li> <li>• cada imagem mantém seu significado próprio; o sentido está no todo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• é uma comparação desenvolvida em forma de história</li> <li>• seu sentido não está em cada elemento, e sim no todo</li> <li>• normalmente começa com uma fórmula de comparação: “é como”, “é semelhante”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• também é uma comparação ampliada em história</li> <li>• cada elemento perde seu significado original e torna-se simbólico; ou seja, o sentido está em cada elemento</li> <li>• não utiliza a fórmula de comparação (“como”), e sim a cópula: “é”, “são”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• pode ser uma frase ou uma história</li> <li>• os personagens são animais ou plantas com um significado nitidamente simbólico</li> </ul>
Pr 10,26; 26,1; Ecl 7,6	2Sm 12,1-4	Ecl 12,1-7	Jz 9,8-15

#### c) Parábola jurídica

Um profeta conversa com um rei ou alguém importante e, por meio de uma parábola, descreve uma situação de conflito. Depois pede que seu interlocutor emita um juízo. Após dar seu veredicto, o ouvinte recebe a notícia de que o acusado é ele mesmo. O episódio tem o seguinte esquema:

- a : pré-história
- b : o profeta vai ao encontro da pessoa questionada
- c : parábola (acusação velada)
- d : o profeta pede o veredicto
- e : a pessoa questionada emite o veredicto
- f : revelação: quem é a pessoa da qual se fala
- g : acusação explícita
- h : reações da pessoa questionada

Tiveram de ouvir uma parábola jurídica: Davi (2Sm 14,5-17), os habitantes de Jerusalém (Is 5,1-7) e vários outros. No NT, cf. Lc 7,36-50 (o fariseu Simão e a pecadora pública).

#### d) Relato de encontro junto ao poço

Para narrar como os casais de antepassados se conheceram. O poço era um dos poucos lugares em que homens e mulheres podiam conversar livremente e cada um aproveitava a ocasião para mostrar suas qualidades de boa dona de casa e de bom trabalhador. O esquema é sempre adaptado, mas o básico é o seguinte:

- a : o homem chega ao poço primeiro
- b : a mulher chega para tirar água
- c : os dois conversam
- d : ele tira a água do poço e oferece a ela e aos rebanhos
- e : ela volta para casa e conta sobre o encontro
- f : ele é convidado para ir à casa dela
- g : os dois se casam

Exemplos: Gn 24 (o servo de Abraão e Rebeca); Gn 29 (Jacó e Raquel); Ex 2,15b-22 (Moisés e Séfora). Notar que o autor do evangelho de João segue este esquema para narrar o encontro de Jesus com a samaritana (Jo 4)<sup>3</sup>.

### 3.3.- Leis

#### a) Maldições

Para punir quem transgredir as regras de convivência. Muitas vezes, basta proferir a maldição, sem dizer explicitamente qual desgraça recairá sobre o culpado, para evitar que alguém realize determinada ação. Trata-se de uma palavra eficaz, que realiza o que significa. As *maldições* têm um esquema nitidamente litúrgico:

- a : “*Maldito*” + descrição do delito com verbo no particípio (“*quem faz x*”)
- b : aprovação da assembleia: “*E todo o povo dirá: ‘Amém!’*”

Várias leis no Deuteronômio: Dt 27,16-25.

#### b) Sentenças de morte

Outra forma de punir transgressões às regras de convivência é a pena capital. As *sentenças de morte* são assim formuladas:

- a : descrição do delito com verbo no particípio: “*Quem faz x...*”
- b : pena de morte: “*... morrerá de morte violenta.*”

Exemplos em Ex 21,12.15-17.

#### c) Leis categóricas

Regras de comportamento, sem conotação jurídica, para regular a convivência dos nômades e das populações das pequenas aldeias. Dividem-se em preceitos (regras positivas: “*faze x*”) e proibições (regras negativas: “*não faças y*”). São regras formuladas na segunda pessoa e de modo categórico e incondicional. Normalmente, estão agrupadas em séries.

Exemplos: Ex 20,1-17; Lv 18.

#### d) Leis casuístas

Regras formuladas na terceira pessoa e são particulares e condicionais: “*se x, então y*”. Exemplos: Ex 21,2-11.18-37; 22,1-17; Dt 22,23-27.

### 3.4.- Discursos e ensinamentos

#### a) Oráculo de salvação

Em uma situação de crise ou de desgraça, o profeta anuncia que Deus vai abrir uma nova perspectiva. A estrutura básica é a seguinte:

- a : vocativo
- b : promessa de salvação (encorajamento)
- c : motivação, introduzida pela conjunção “*porque*”
- d : consequências

Vários exemplos na segunda parte de Isaías: 41,8-12; 44,1-5.

#### b) *Māšāl* ou provérbio breve

Trata-se de um ensinamento formulado em duas ou três linhas (chamadas membros), com diversas finalidades: formação, sátira, sarcasmo, crítica, ameaça etc. Os membros do *māšāl* normalmente seguem um tipo de paralelismo:

– sinónimo: quando as frases expressam algo equivalente: Pr 1,8; 4,24; 19,6.

<sup>3</sup> Não se desespere: Jesus não se casou com a samaritana. Aliás, o Jesus de verdade nunca nem se encontrou com samaritana nenhuma junto a poço nenhum. Trata-se de um relato simbólico: a mulher é a figura da Samaria, antiga capital do reino do norte. Jo 4 quer mostrar que os samaritanos têm uma atitude bem diferente dos judeus: os judeus rejeitam o evangelho de Jesus, os samaritanos o acolhem. Este acolhimento do evangelho é narrado de modo figurado e, para isso, o autor do Quarto Evangelho usa o gênero do encontro junto ao poço: a cidade da Samaria acolheu o evangelho, isto é, “casou-se” com Jesus.

- antitético: quando as frases expressam algo antagônico: Pr 10,1.4.12; 11,19.
- sintético: quando entre as ideias há uma relação de causa-efeito (Pr 16,7; 16,3) ou quando a segunda frase esclarece ou dá maior precisão à primeira (Pr 14,27; 16,31).

**c) Lista enciclopédica**

Catálogo de todas as realidades e fenômenos: raças, países, vegetais, animais, comportamentos e atividades humanas etc. Exemplos: Jó 28; Sb 7,17-20; Eclo 41,17-42,8.

**3.5.- Cânticos e poesias**

**a) Cânticos de guerra**

Semelhantes aos gritos de guerra das torcidas de futebol, estes cânticos tinham várias finalidades:

- invocar a força sobre o “nosso” exército: 2Rs 13,17; Js 10,12.
- amaldiçoar o exército “deles”: Nm 22–24.
- empolgar a tropa para entrar na luta: Jz 5,12.
- celebrar a vitória (normalmente entoado por mulheres, com tambores e danças): Ex 15,20-21; 1Sm 18,6-7.

**b) Cânticos de descrição da pessoa amada - *wasf***

Poemas que enaltecem os atributos físicos e outras qualidades da pessoa amada. A descrição é gradativa: começando pela cabeça e vai descendo (Ct 4,1-7), ou começando pelos pés e vai subindo (Ct 7,2-10).

**3.6.- Salmos**

Os poemas do livro dos Salmos podem ser divididos e agrupados sob várias perspectivas e com vários critérios. Uma apresentação sumária é a seguinte:

Família	Esquema	Subgrupos	Exemplos
A.- Hinos	a) convite ao louvor b) motivação - “porque” c) novo convite ao louvor	A1) Hinos a Deus Salvador A2) Hinos a Deus Criador A3) Hinos a Deus Rei A4) Hinos de Sião	145–150 8; 104 96–99 87; 122
B.- Salmos de Súplica	a) invocação a Deus b) desgraça e súplica c) final feliz	B1) Súplicas individuais B2) Súplicas coletivas	54–57 53; 58
C.- Salmos de Confiança e de Ação de Graças	a) convite ao louvor b) descrição da libertação c) sacrifício ou oração	C1) Confiança individual C2) Confiança coletivo C3) Ação de graças	3; 4; 23 115; 129 30; 92; 129
D.- Salmos Litúrgicos		D1) Salmos de ingresso D2) Salmos requisitória D3) Salmos de peregrinação	15; 24 50 24; 122
E.- Salmos Sapienciais		E1) Salmos sapienciais E2) Salmos alfabéticos	91; 127; 128 111; 119
F.- Salmos Históricos			16; 111
G.- Salmos Régios			2; 20; 21
H.- Salmos de Maldição e Vindita			57; 57; 137

\*\*\*\*\*

## 4. Bibliografia básica em português

### Livros impressos:

- CARMODY, Timothy R. *Como ler a Bíblia. Guia para estudo*. São Paulo, Loyola 2008.
- CHARPENTIER, Étienne. *Para ler o Antigo Testamento*. São Paulo, Paulus 1986 (Entender a Bíblia).
- DRANE, John (org.). *Enciclopédia da Bíblia*. São Paulo, Loyola - Paulinas 2009.
- FINKELSTEIN, Israel & SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*. São Paulo, A Girafa, 2003.
- GUNNEWEG, Antonius H.J. *História de Israel*. São Paulo, Loyola - Teológica 2005.
- HARRINGTON, Wilfrid J. *Chave para a Bíblia*. São Paulo, Paulus 1997<sup>8</sup>.
- LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia*. São Paulo, Loyola, 2008.
- NADAL, Milagro. *Curso de iniciação ao Antigo e ao Novo Testamento*. São Paulo, Loyola 1998.
- SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Leia a Bíblia como literatura*. São Paulo, Loyola 2007. (Ferramentas bíblicas)
- ZENGER, Erich *et alii*. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo, Loyola 2003.

### Bibliografia sobre História de Israel na Internet:

- <http://www.airtonjo.com/novidades2001a.htm> (no final da página, bibliografia simplificada)
- [http://www.airtonjo.com/historia\\_israel04.htm](http://www.airtonjo.com/historia_israel04.htm) (no final da página, bibliografia mais completa e complexa)

### Arqueologia em DVD:

- A BÍBLIA e seu tempo. Um olhar arqueológico sobre o Antigo Testamento*. São Paulo, Duetto, 2005 (dois discos, baseados no livro de Finkelstein e Silberman, citado acima).